

O autor afirma que, para acabar com a fome, não basta educar para a solidariedade ou para a sensibilidade solidária. Aliás, talvez seja até impossível uma sociedade plenamente solidária. Diante do atual processo de globalização do mundo, a educação e a religião são instrumentos importantes de luta para a paz, contra todas as formas de violência, discriminação, exploração, degradação do ser humano, enfim, para a promoção da sensibilidade solidária.

O direito humano mais elementar, contido na Declaração Universal, é o direito a alimentar-se. O governo Lula conseguiu colocar em pauta o problema da fome, e objetivou resolvê-lo, declarando-o prioridade. É verdade que, depois de um ano e meio de governo, este projeto parece ainda não ser uma prioridade real.

Quanto à educação, além de educar para a sensibilidade solidária, precisamos também de uma educação para a competência. E esta, tem ao menos quatro dimensões: a) uma educação para aprender a aprender por toda a vida; b) uma educação para aprender a fazer; c) uma educação para aprender a viver juntos, solidários; d) uma educação para aprender a ser.

FOME: Educar para a competência e a sensibilidade solidária

Gilberto Tomazi

* O autor é Especialista em Ensino Religioso (UNOESC - Videira), Mestrando em Ciências da Religião (PUC - São Paulo), e Professor no ITESC e na UNOESC - Videira.



Introdução

“Vê-los agir, falar, lutar, viver e morrer, era ver a própria fome modelando, com suas despóticas mãos de ferro, os heróis do maior drama da humanidade - o drama da fome.”¹

Há pessoas e grupos que vivem fortemente as suas convicções de solidariedade, e que passam a semear um entusiasmo contagiante, uma paz transformadora. Essas pessoas caminham na vida com tanta esperança que parecem enxergar, no horizonte, um mundo sem exclusões. E, com o tempo, elas vão ficando mais destemidas, disponíveis e carinhosas. Mesmo no meio das perplexidades do mundo, das incertezas humanas, da complexidade da sociedade, mesmo na escuridão elas continuam anunciando e celebrando o fim da miséria e da fome, a chegada da aurora, dos novos céus e da nova terra, dos homens e mulheres novos, da natureza e da vida reconstruídas, cuidadas e amadas.

Nos últimos tempos assistimos a um rápido processo de globalização da economia, acompanhado de uma intensa dinâmica de desintegração, de destruição e desarticulação da esfera pública que é o espaço onde se materializariam os direitos sociais: saúde, moradia, educação, previdência. Isso tem gerado um aumento da pobreza e da exclusão social para as grandes maiorias, uma expansão de um conjunto de relações sociais marcadas pela corrupção generalizada e por um tecido social competitivo, individualista e não solidário. O atual processo de globalização estruturou-se segundo os princípios da política neoliberal. As leis do mercado foram sobrepostas às do estado de bem-estar social.

Até recentemente o pensamento, no campo da sociedade, da política e mesmo da economia, parecia bem definido. Não havia muito o que fugir entre capitalismo ou socialismo, entre os dogmas do mercado ou os do Estado socialista. Nos últimos anos, especialmente a partir da queda do muro de Berlim, começaram a ganhar espaço as teorias relacionadas “à sociedade complexa”. As meta-teorias vão cedendo lugar a novas construções teóricas, assim como a modernidade à pós-modernidade. Frei Betto, num texto que preparou para o 2º Fórum Social Mundial (FSM)², insistiu na idéia de que *“não estamos numa época de mudanças mas*

¹ CASTRO, Josué de. Homens e caranguejos. Porto, Brasília, 1967.

² O texto tem como título “Globalização e direitos humanos” e foi apresentado no 2º FSM, na UFRGS, no dia 4 de fevereiro de 2002. A frase é de Xabier Gorostiaga.



numa mudança de época”. É nessa percepção de uma sociedade complexa que René Dreifuss, mesmo reconhecendo que estamos numa “época das perplexidades”, entende que *“o mundo vai sendo restaurado e renovado com uma ampla recomposição de forças, onde a mudança parece não somente possível e desejável, mas necessária e legítima. Tudo indica que começamos a enfrentar uma constante desconstrução e reconstrução de estruturas e práticas políticas, de instituições e sistemas, na procura de novas referências.”³* Essa necessária e desejada mudança de época deverá trazer consigo a solução de um dos mais graves problemas atuais. A satisfação das necessidades humanas e materiais básicas, a começar pela erradicação da miséria e da fome.

Recentes reflexões da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) manifestam por um lado a preocupação em relação à miséria e à fome e, por outro, a possibilidade de a humanidade dar um novo rumo à sua história: *“Temos hoje, mais do que nunca, o instrumental teórico e prático para criar novas formas de relacionamento harmonioso entre os grupos, etnias, culturas, religiões e nações (...). Temos recursos e tecnologia para vencer a fome. Falta-nos o espírito solidário e evangélico para renunciar a privilégios e libertar-nos do vírus do egoísmo. Falta-nos, ainda, decisão política.”⁴*

Vemos iniciativas solidárias emergindo aqui e acolá, que estão criando uma espécie de cultura solidária. Lula, o atual presidente do Brasil, conseguiu colocar em pauta, para o conjunto da sociedade brasileira e até mesmo em nível internacional,⁵ que o problema da fome é grave e resolvê-lo é prioridade. Praticamente todos os setores da sociedade mostraram-se abertos e confiantes no valor que este projeto representa. Até aqueles que tradicionalmente estavam convencidos de que seus lucros só eram possíveis

³ DREIFUSS, René A. A Época das Perplexidades. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1997, pp. 336-337.

⁴ Refiro-me à assembléia da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) acontecida de 10 a 19 de abril de 2002, em Itaici/SP. Esta afirmação está no doc. 69: “exigências éticas e evangélicas para a erradicação da miséria e da fome”, onde a CNBB convoca a Igreja e toda a sociedade para “um grande mutirão” para enfrentar o problema da fome e da miséria.

⁵ No discurso feito no Fórum Econômico Mundial, de Davos, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou: *“Fizemos do combate à fome nossa prioridade.” (...)* *Combater a fome não é apenas tarefa do governo, mas de toda a sociedade. A erradicação da fome pressupõe transformações estruturais, exige a criação de empregos dignos, mais e melhores investimentos, aumento substancial da poupança interna, expansão dos mercados no país e no exterior, saúde, educação de qualidade, desenvolvimento cultural, científico e tecnológico.”* (in FSP A6, 27/01/03)



à base da exploração do trabalho de outrem, agora parecem compreender que a solidariedade é necessária e importante para toda a sociedade. Seria uma mudança de mentalidade, medo, sentimento de responsabilidade ética, ou ainda um apelo de Deus? Seja mais a partir de uma concepção ética ou então de uma perspectiva religiosa, parece que, mais do que a bandeira do socialismo, agora é a da solidariedade que vai, aos poucos, sendo levantada em todos os rincões, cinturões ou centros da terra, tornando-se assim a grande referência de todos aqueles e aquelas que lutam em defesa da vida, da ecologia, da dignidade humana e da paz.

Também a educação aos poucos vai sendo repensada. Sabedoria, competência, esperança e solidariedade passam a ser suas chaves de leitura mais apreciadas. Diante da miséria e da fome, qual é o papel da educação? É educar para a esperança e a solidariedade, e assim conduzir o ser humano na busca da sabedoria! Para início deste estudo cito uma afirmação e uma questão de Jung Mo Sung, que bem sintetizam o que aprofundarei posteriormente: *“Uma sabedoria que está precisando ser ensinada e aprendida em todo o mundo é a que nos ensina que não se pode ser feliz e amar a si próprio de verdade se não se é capaz de se abrir ao sofrimento de outras pessoas, se não se é capaz de ter uma sensibilidade solidária.”* E a questão é: *“Em que o conhecimento da dimensão religiosa dos seres humanos e das sociedades pode nos ajudar na compreensão da nossa sociedade, da nossa cultura, e nas necessárias modificações para que possamos, a curto prazo, pelo menos diminuir o número de excluídos/as?”*⁶

Para concluir esta introdução, coloco ainda uma reflexão de Josué de Castro que nos induz a pensar sobre a responsabilidade ética diante da fome. Quando analisava a fome no nordeste, ele fez a seguinte observação: *“A fome age não apenas sobre os corpos das vítimas da seca, consumindo sua carne, corroendo seus órgãos e abrindo feridas em sua pele, mas também age sobre seu espírito, sobre sua estrutura mental, sobre sua conduta moral. Nenhuma calamidade pode desagregar a personalidade humana tão profundamente e num sentido tão nocivo quanto a fome, quando atinge os limites da verdadeira inanição.”*⁷

⁶ MO SUNG, J. Sujeito e sociedades complexas, para repensar os horizontes utópicos. (2002) Vozes, Petrópolis, p. 172. A questão é encontrada em um texto da internet cujo título é *“ética e teologia nas universidades católicas”*.

⁷ Artigo disponível em site do “Instituto técnico de capacitação e pesquisa da reforma agrária” - ITERRA, sob o tema “fome”.



Como afirmar o direito à vida, a começar pela satisfação das necessidades humanas fundamentais, para uma vida com dignidade para todos? É possível erradicar a fome e a miséria em um país como o Brasil? Que princípios e valores devem ser resgatados ou priorizados no combate à fome e a miséria? Como transformar a educação, que tradicionalmente tem sido formatada dentro dos limites da racionalidade e da técnico-ciência, em busca de sabedoria, competência e de sensibilidade solidária? Será possível o mundo organizar-se economicamente de maneira inversa da atual, onde os ricos são cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres?⁸ São estas perguntas que me motivaram a realizar esta pesquisa e creio que, ao menos para começo de conversa, elas serão respondidas.

1. Aspectos sobre a fome no Brasil e no mundo

*“É mais fácil suportar dores crônicas do que a fome. Quando a fome aperta, até o prazer de estar vivo desaparece”*⁹

A grande maioria dos governos do mundo, assim como os organismos multilaterais, tais como o FMI, o BM e a OMC, nas últimas décadas, implantaram as políticas neoliberais e essas políticas fizeram com que fossem praticamente abandonados os compromissos adotados para satisfazer as necessidades de alimentação dos povos. *“O direito humano mais elementar, contido na Declaração Universal, o direito a alimentar-se, é letra morta em muitos países do mundo.”*¹⁰

O panorama da fome no planeta é inquietante. Segundo números da ONU, no mundo, 2 bilhões de pessoas não tem acesso à água potável, 826 milhões de pessoas passam fome e morrem anualmente de fome 23 milhões de seres humanos¹¹, entre eles 8 milhões de crianças; uma em

⁸ Segundo Susan George, in Le Monde Diplomatique, Dez./1998: *“em 1960, 20% dos habitantes mais ricos do mundo desfrutavam de uma renda 31 vezes superior à dos 20% mais pobres. Em 1998 a renda dos 20% mais ricos é de 83 vezes superior à dos 20% mais pobres”*.

⁹ VARELLA, D. In. Jornal FSP, E-12, de 11/01/03.

¹⁰ 2º Fórum Social Mundial (UFRGS), texto disponível sob o título “Soberania Alimentar”. Eixo temático II: O Acesso às Riquezas e à Sustentabilidade. Data: 02/02/2002. Vale a pena ler na íntegra, a Declaração final do fórum Mundial (de 07/09/01) sobre a Soberania Alimentar, que traz o título “Pelo direito dos povos a produzir, a alimentar-se e a exercer sua soberania alimentar”. O Fórum aconteceu em Havana, Cuba, de 3 a 7/09/2001, com a participação de 400 delegados, representantes de ONGs, associações, etc., de 60 países, in ZIEGLER, Jean “A Fome no mundo explicada a meu filho” pp 117-132.

¹¹ Segundo dados da FAO, em 1999 trinta milhões de pessoas morreram de fome. (Por Ana Maria de Castro, in. prefácio da obra de ZIEGLER, Jean “A Fome no mundo explicada a meu filho” p.11)



cada 5 pessoas no mundo sofre de “pobreza extenuante” e sobrevive com menos de um dólar diário. “Atualmente a cada dia umas cem mil pessoas morrem de fome no mundo. Se a esse número incrível de pessoas somamos as que morrem por epidemias e guerras nos países subdesenvolvidos, a cifra de mortos por causas atribuíveis ao modelo econômico e social de crescimento existente ascenderam, no ano passado, a mais de 58 milhões.”¹² Cifra, esta, superior ao número de mortos, da II guerra mundial (1939-1945), durante seis anos. Os técnicos da FAO (Food and Agriculture Organization), Organismo das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação, dizem que a tragédia da fome poderia ser facilmente superada se houvesse investimentos de 10 bilhões de dólares por ano, que é correspondente ao que é gasto em armamentos.¹³ Depois da 2ª. guerra mundial, com a ideologia de defender o país, colocaram-se em primeiro plano os gastos com a indústria bélica, e a busca de soluções para os problemas sociais, como a fome, por exemplo, foi posta de lado.

Segundo dados da ONU, os 20% mais ricos detêm 63,4% dos recursos mundiais, sendo que aos 20% mais pobres sobra apenas 2,5% da renda. Hoje, morre-se de fome num mundo capaz de alimentar o dobro de sua população. O Brasil, por exemplo, segundo a FAO, tem uma disponibilidade per capita de alimentos que equivale a 2960 Kcal/dia, muito acima do mínimo recomendado de 1900 Kcal/dia por pessoa. Entretanto, dados da mesma organização colocam o Brasil entre os países com o maior índice de subnutrição.

O normal seria pensar que, quanto mais ciência, tecnologia e educação, tanto maior a possibilidade de as pessoas terem acesso a uma alimentação farta, barata e sadia. Mas o inverso parece mais evidente. Faz uma década que Cristóvam Buarque (ex-Ministro da Educação), afirmou: “Ao longo de um século, o Brasil manteve taxas de crescimento

¹² Id. Ibid. nota nº12.

¹³ Essa coisa de números me parece bastante incerta. Depende muito dos critérios adotados. De qualquer forma cito mais alguns números que me impressionaram: “Calcula-se que, para o atendimento das necessidades mundiais em saúde e nutrição, educação básica, saneamento básico e planejamento familiar, se necessite de recursos adicionais anuais de US\$ 34 bilhões. Considerando-se que, só com o consumo de cigarro, a população mundial gasta por ano US\$ 400 bilhões, e US\$ 800 bilhões são gastos com investimentos militares, aquelas necessidades não são nada exorbitantes”. O mesmo Jornal, ao falar de “Narcotráfico” p. 1-2, informava: “Estima-se que os cartéis colombianos faturem anualmente cerca de US\$ 200 bilhões”... “sendo, o Brasil, um dos centros mundiais de distribuição de droga”. (in Jornal Folha de S. Paulo. 17/10/95, p.1-3, “Números que surpreendem o mundo”, de Jorge Martins Filho).



econômico entre as mais elevadas em todo o mundo. Entretanto, mesmo com sua riqueza natural, a infra-estrutura de que dispõe e inclusive seu tamanho, nosso país apresenta um dos piores indicadores sociais de todo o mundo”¹⁴. A identidade nacional, ou seja, o rosto do Brasil, tem sido construído a partir de fatores como: mortalidade infantil, desarticulação e ineficiência do sistema educacional, crescente índice de doenças endêmicas, sucateamento da estrutura econômica, científica e tecnológica já montada, miséria crescente, dívida externa e interna acentuadas, violência generalizada, aviltamento da moeda, desorganização e/ou apropriação oligárquico-burguesa do Estado... Enfim, por falta de vontade política eficaz, na solução dos grandes problemas sociais como a fome e a miséria, entre outros.

No mês de março de 2002 estive no Brasil o relator da ONU, Jean Ziegler, que, quando entrevistado pela mídia, afirmou, sem rodeios, que o Brasil desrespeita os direitos alimentares de grande parte da população, dizendo: “o número de subalimentados é inadmissível para um País como o Brasil... aqui a fome é um ato de violência, não uma fatalidade... A violência na cidade e no campo, no Brasil, se deve à fome”. No Brasil não há falta de alimentos, mas falta de distribuição ou de condições para que cheguem à mesa de todos. Nós, brasileiros, estamos em um país pródigo em produção de alimentos e até exportamos milhões de toneladas todos os anos; no entanto, temos, mais de 40 milhões de desnutridos. Nada justifica a fome no Brasil; nem o clima, nem questões geográficas, nem a falta de tecnologia, terra, água, produtividade ou de conhecimento. Não é a falta destes recursos ou bens que gera a fome, mas o fato de se haver excluído milhões de pessoas do acesso a estes bens e recursos. A triste realidade da fome e da subnutrição “são, antes de tudo, consequência das políticas econômicas, agrícolas e comerciais em escala mundial, regional e nacional, impostas pelos poderes mundiais, suas corporações transnacionais e suas múltiplas expressões tanto nos países desenvolvidos como nos de Terceiro Mundo, em seu afã de manter e aumentar sua hegemonia política, econômica, cultural e militar no atual processo de reestruturação econômica global. (...) As 10 maiores empresas de cada ramo controlam 84% do mercado mundial de agroquímicos, 60% do mercado mundial veterinário, 48% do mercado mundial farmacêutico e 30% do mercado mundial de sementes.”¹⁵

¹⁴ BUARQUE, C., O Colapso da Modernidade Brasileira (1992) Paz e Terra, SP, capa.

¹⁵ DOCUMENTOS DE REFERÊNCIA (todos eles se encontram em www.forumsocialmundial.org.br na entrada Conferências -Soberania alimentar). Este texto é assinado por Francisco Menezes (IBASE•RIAD/Brasil) e Vicent Garcés (CERA/España)



O que aconteceu, na realidade, é que essas políticas aumentaram as vendas e o lucro desses poderes econômicos, enquanto os povos dos países em desenvolvimento aumentaram sua dívida externa e os setores populares aumentaram seus níveis de pobreza, miséria e exclusão por toda parte. Acelerou-se o ritmo da concentração do mercado agrícola internacional em umas poucas empresas transnacionais, aumentando assim a dependência e a insegurança alimentar da maioria dos povos. Hoje, segundo pesquisas da Organização Internacional do Trabalho, o número de desempregados no mundo chegou a 180 milhões. Isso equivale a 6,5% (0,6% a mais que no ano 2000) da população economicamente ativa. É o maior número registrado desde que há dados confiáveis sobre o assunto. Nos últimos dois anos o número de pessoas sem trabalho aumentou em 20 milhões.¹⁶ *“As políticas neoliberais dirigidas ao campo impulsionaram um processo de desruralização forçada de vastas proporções e consequências dramáticas. Desencadearam uma autêntica guerra contra as agriculturas familiares e indígenas que, em alguns casos, chega a configurar um verdadeiro genocídio e etnocídio. Da mesma maneira, as comunidades de pescadores artesanais têm perdido cada vez mais o acesso a seus próprios recursos. Os 70% de pessoas pobres em todo o mundo vivem em zonas rurais e dependem quase totalmente da agricultura e do desenvolvimento rural para a sua subsistência.”*¹⁷

Enfim, vale afirmar que também *“Marx equivocou-se quando afirmou que a falta de alimentos ainda iria acompanhar a humanidade durante séculos.”* Para ele, os bens disponíveis no planeta são insuficientes para cobrir as necessidades materiais mínimas e elementares dos seres humanos. Depois da morte de Marx o mundo conheceu uma sucessão quase ininterrupta de revoluções tecnológicas, eletrônicas, etc. E já não há, no planeta terra, *“uma carência objetiva de bens”*, como afirmava Marx. Segundo dados da FAO, a terra poderia hoje alimentar o dobro de sua população. Convivemos hoje com a superabundância de bens acompanhada do escândalo da fome.¹⁸

¹⁶ Cf. Jornal Folha de S. Paulo, de 24/01/03, p. B3. Esta matéria também afirma que o índice de desemprego na América Latina é de 10%. Também consta que o número de subempregados (que recebem menos de um dólar ao dia) subiu para 550 milhões (não se diz quanto era antes). Assim, entre os desempregados e os que recebem até um dólar ao dia temos no mundo 730 milhões de pessoas (da população economicamente ativa).

¹⁷ Id. cf. nota 16.

¹⁸ ZIEGLER, Op. Cit. pp. 22,23.



2. O Governo Lula e os primeiros passos do Projeto “Fome Zero”

Nenhum sistema pode se considerar justo enquanto nele, a fome existir. A realidade da fome não consegue ser falseada por nenhum tipo de discurso.

Creio que estas duas imagens marcaram a humanidade: aquela do rapaz com uma rosa diante de um tanque de guerra, e aquela do urubu esperando a criança raquítica morrer... O que estas duas imagens têm a ver com o governo Lula? Parece-me que o governo Lula diante do tanque de guerra do atual processo de globalização econômica neoliberal seria como o rapaz com a rosa na mão e, a realidade brasileira que Lula herdou para governar, como a realidade da criança diante do urubu a esperá-la. O governo Lula herdou um país com um alto índice de desemprego, de corrupção, de miséria e fome. Milhões de brasileiros e brasileiras iniciaram o ano 2003 confiantes que estaríamos iniciando uma nova história no país. Com certeza, para grande parte destes, essa confiança vinha acompanhada de interrogações como estas: Será possível à Nação oferecer a seu povo um mínimo de dignidade de vida, como a sua própria Constituição garante? *“É direito do trabalhador um salário mínimo fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender às necessidades básicas e às de sua família, com moradia, alimentação, educação, saúde, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo...”* (item IV, art. 7º) Ou, como a lei universal dos direitos humanos propõe, no seu artigo 25º? *“Todo homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação e cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, bem como direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice e outros casos de perda dos meios de subsistência, em circunstâncias fora do seu controle. A maternidade e a infância têm direito a cuidados e direitos especiais...”*

Sabemos que é mínima a sensibilidade por parte da grande maioria dos governantes com relação à fome. A própria questão dos direitos “incondicionais” do ser humano foi questionada, a ponto de que praticamente não se fala mais neles. Porém, ao contrário do que costumemente temos assistido, onde a grande maioria dos governantes quando, ao assumirem a presidência de algum país, falam de números, estatísticas, balança comercial, inflação ou ciência e tecnologia, um



problema social, o combate à fome, foi considerado prioridade por Luiz Inácio Lula da Silva em seu primeiro pronunciamento no dia da sua posse na Presidência da República. A erradicação da fome e da miséria está sendo colocada de tal forma que, além de ser prioridade do governo, também o seja para toda a sociedade. Lula, juntamente com tantos brasileiros e brasileiras que a ele se juntam para dar um novo rumo para este país, acreditam e têm bem presente que a economia deve existir em função da vida de todas as pessoas e não o contrário. Sabemos, porém, que depois de mais de um ano de mandato, este princípio ainda não se encarnou nos planos econômicos de curto prazo, do atual governo.

Não há dúvida de que acabar com a fome não é a mesma coisa que acabar com a miséria, mas pode ser considerado um aspecto fundamental e inicial deste longo caminho. Para acabar com a miséria e a pobreza, as mudanças devem ser mais profundas. É preciso uma mudança estrutural, uma mudança no próprio modelo de crescimento econômico,¹⁹ e também uma mudança de mentalidade, uma mudança cultural. Sabe-se porém que o primeiro passo na defesa da dignidade humana e da cidadania passa pela satisfação das necessidades fisiológicas do ser humano, a começar pela alimentação. *“O combate à fome não pode se limitar a políticas emergenciais e assistenciais, mas exige um conjunto de políticas integradas que ofereçam os meios básicos de sobrevivência das famílias sem condições econômicas e ao mesmo tempo criem mecanismos dinâmicos de superação da pobreza e da concentração de renda. Mas exige também um conjunto de políticas específicas destinadas a garantir a segurança alimentar”*.²⁰

O dirigente da FAO, Gustavo Gordillo de Anda (subdiretor geral da FAO, representante para a América Latina e Caribe) acredita que se o Brasil viabilizar o “Fome Zero”²¹, toda a sociedade será beneficiada.

¹⁹ Publicado no jornal FSP de 18/01/03. Quanto a isso, o atual presidente do BNDES, Carlos Lessa, afirmou que *“o projeto de inclusão social do governo Lula irá mudar o modelo de desenvolvimento do país e, com isso, as características do Banco”*. Para ele, ao contrário do que se tem feito até agora, *“o governo Lula apostará no desenvolvimento da indústria a partir de projetos sociais”*. A partir desse novo paradigma, ele afirma que *“o BNDES dará prioridade a setores como agroindústria, indústria alimentar, máquinas agrícolas, fertilizantes e todos os insumos para a produção de alimentos”*. E disse ainda: *“o futuro para mim passa pela inclusão social”*.

²⁰ Artigo publicado no jornal O Estado de São Paulo, no dia 11/11/02, e no site www.icidadania.org.br, por José Graziano, Maya Takagi e Walter Belik.

²¹ O projeto Fome Zero, encontrado no site www.icidadania.org.br, foi construído pelo Instituto Cidadania e envolveu cerca de 100 especialistas, acadêmicos e representantes de ONGs e movimentos sociais. Foi lançado em outubro/02 com o objetivo de abrir o debate, recolher informações, conhecer experiências e refletir sobre discussões conceituais.



“Existe um componente educativo embutido no programa, que favorece a todos: é o desenvolvimento da solidariedade, o exercício da cidadania. Este será talvez o legado mais importante do Fome Zero: organizar a sociedade a partir do combate à fome”. Quanto ao fomento da produção local de alimentos, disse ainda: *“Creio que seja a parte mais inovadora do programa, que tanto impressionou as instituições internacionais. Se vamos destinar recursos expressivos para esse desafio, há que se ampliar seus efeitos multiplicadores. Beneficiar um número grande de pessoas entre consumidores e produtores é um dos pontos fortes do Fome Zero”*.²²

Ouvimos no início do ano passado que a intenção do governo era começar por implantar o Fome Zero em 959 cidades, consideradas como tendo o pior índice de desenvolvimento humano, até o final do primeiro semestre. José Graziano, ex-ministro da Segurança Alimentar e Combate à Fome, enfatizou que o programa *“É uma ação que busca deixar elementos de transformações estruturais, apoios a políticas de produção, de geração de emprego e renda, que é o que vai resolver o problema da pobreza”*.²³ O orçamento de 2003 previa um gasto de R\$ 1,8 bilhões (dos cerca de R\$ 5 bilhões considerados necessários) com o programa. Graziano previa que, além dos recursos do Orçamento Federal, deveriam acontecer doações de organizações e entidades privadas. Segundo José Graziano, *“o Projeto Fome Zero parte do suposto de que a fome não pode esperar. Além de deteriorar a saúde e a capacidade de trabalho, ela corrói o futuro, estrangulando-o pela subnutrição infantil. É indispensável portanto um ataque rápido e massivo à fome, a chaga exposta das pobres”*.²⁴ A esperança é a última que morre... Faz um ano que este projeto deveria estar em funcionamento, porém, apenas para citar um exemplo catarinense, municípios como Timbó Grande, Calmon e Matos Costa, que são considerados os de pior índice de desenvolvimento humano e social de nosso Estado, até o momento muito pouco viram do Fome Zero.

É comum ouvirmos, e é de fato uma realidade, que a sociedade brasileira é a mais desigual do mundo²⁵, portanto, a mais injusta. É o

²² Cláudio Cerri e Mônica Altherthum: *“combater a fome pressupõe organizar a sociedade”*. No mesmo site acima citado.

²³ In. Jornal FSP, p. A-6 de 09/01/03.

²⁴ In. Artigo publicado originalmente na revista Globo Rural, em 03/12/03.

²⁵ O Brasil é o mais desigual segundo dados da ONU, afirmam. Segundo o Banco Mundial, a América Latina foi catalogada como a região mais desigual do mundo, especialmente em relação ao seu PIB per capita. (Instituto del Tercer Mundo – Control Ciudadano; in Los grandes temas según los compromisos - Algunos comentarios sobre las comparaciones de pobreza entre países, p. 3 – site do FSM: file://F:\les\documentos\declaracionMilenio.htm).



país do planeta onde existe mais diferença entre os ricos e os pobres. Mesmo não havendo guerras como a do Iraque, sabemos que vivemos em uma das sociedades mais perversas. A pobreza e a desigualdade social são um flagelo que dizima, de mil e uma formas, milhões de brasileiros impedidos de viver dignamente e se realizarem como cidadãos. Diante dessa realidade Stédile e Gorgen²⁶ afirmam: *“Os movimentos sociais que compõem a Via Campesina Brasil,²⁷ nos sentimos plenamente identificados e regozijados, porque o objetivo final de nossos movimentos é, em outros termos, eliminar a pobreza e a desigualdade social no meio rural... Em nossos movimentos atuaremos para que se acelere a reforma agrária, se fortaleçam a agricultura familiar, as cooperativas, as pequenas e médias agroindústrias, e que se reorganize a produção agrícola de alimentos para o mercado interno.”* Que este propósito sirva de exemplo para todas as entidades, pessoas, pastorais, movimentos, empresários, intelectuais, igrejas, universidades, escolas... que buscam levar a sério este nosso pobre e rico país.

Creio que muitas outras pessoas, assim como outros movimentos sociais e entidades sindicais, educacionais, empresariais e religiosas, deverão engajar-se de alguma forma neste projeto. Porém, da parte dos que estiverem à frente do mesmo, presume-se que haverá agilidade, competência e capacidade de mobilização social, para que não se frustrasse mais uma vez a esperança de tantos brasileiros e brasileiras, não só a dos que têm fome, mas também a dos que querem ver, com este projeto, diminuir a violência.

Vemos que, depois de quase um ano e meio de governo, as coisas não andam como gostaria a grande maioria da população. Afirmamos em alto e bom som que a esperança venceu o medo, quando vimos o resultado das últimas eleições a presidente. Resta-nos hoje uma pergunta: “Será que esperança significa a busca do impossível?” A fome e o desemprego continuam tal como nos anos anteriores; a política econômica também é a mesma da do Governo FHC; o problema da dependência externa da economia brasileira continua; a submissão às Regras do jogo do FMI, do Banco Mundial e da Organização Mundial do Comércio é

²⁶ Em artigo publicado no Jornal do Brasil - 03/DEZ/2002. João Pedro Stédile, da direção nacional do MST e Frei Sergio Gorgen, da direção do MPA, integram a Comissão Nacional da Via Campesina Brasil.

²⁷ Como o MST (Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra), o MPA (Movimento de Pequenos Agricultores), o MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens), o movimento das mulheres rurais, com apoio das pastorais sociais das igrejas cristãs.



ainda um fato, o comprometimento das receitas com o pagamento das dívidas externa e interna ainda não mudou substancialmente; políticas que promovam o crescimento econômico, com distribuição de renda e democratização da propriedade, e a reforma agrária, talvez já estejam, ao menos, no papel. Também falta ousadia por parte dos movimentos populares e sociais, das igrejas que têm compromisso com a causa dos empobrecidos, das instituições culturais e educacionais que acreditam na possibilidade de uma cultura política participativa e de cidadania... “Há tempo para tudo”, mas talvez este não seja um tempo para se ter prudência ou para radicalizar a crítica, mas sim um tempo de ousar, de construir, de buscar alternativas, de construir aquilo que parece impossível.

3. Um olhar ético e da Igreja Católica no Brasil sobre a fome

“Ninguém deveria sentir-se ameaçado de cair na miséria, nem de passar fome.” (CNBB doc. 69)

Enquanto seres humanos estiverem passando fome, a indignação humana haverá de se manifestar.

*“Ainda há, no Brasil, os que não dormem porque têm fome e os que não dormem com medo dos que têm fome”.*²⁸ Na última reunião do Fórum Econômico Mundial, de Davos, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva chamou a todos os que lá se encontravam para a construção de uma nova ordem econômica internacional, mais justa e democrática. E, nesse sentido, disse: *“Quero convidar todos os que aqui se encontram, a olhar o mundo com outros olhos. É absolutamente necessário reconstruir a ordem econômica mundial para atender aos anseios de milhões de pessoas que vivem à margem dos extraordinários progressos científicos e tecnológicos que o ser humano foi capaz de produzir.”* Afirmou também que *“é necessário uma nova ética. Não basta que os valores do humanismo sejam proclamados, é preciso que eles prevaleçam nas relações entre os países e povos.”*²⁹

Observando a realidade mundial de cerca de 1 bilhão de famintos ou miseráveis, ou o fato de que em média uma criança norte americana consome (come) o equivalente a 23 crianças latino americanas, ou ainda

²⁸ ZIEGLER, Op. Cit. p.13.

²⁹ In. Jornal FSP A6, 27/01/03.



o fato de que a produção de riquezas cresce proporcionalmente com a fome, precisamos nos colocar diante de duas questões: “*É possível repensar o destino da humanidade? Quais são as atitudes, os comportamentos e os compromissos que as pessoas e a humanidade deverão ter em prol dos excluídos ou em vista de salvar vidas?*” Diante destas questões, Leonardo Boff propôs³⁰ três valores fundamentais que precisam ser aprendidos e vividos pelas nações, pela humanidade e por cada pessoa em particular: 1) lembrando Kant, a sua obra, “República das Nações”, colocou que a primeira grande virtude de um povo é “a hospitalidade”. Esta, que vai para além da tolerância, é aceitar a diferença, é reconhecer o direito do outro à vida, é procurar com-viver. 2) outro valor não menos importante, que ele citou, é “o cuidado” que envolve uma atitude amorosa, zelosa e afetiva para com a vida. Disse: “*o cuidado é a essência da vida.*” (...) “*não temos tempo a perder, a destruição está acontecendo em um processo acelerado. A terra não precisou de nós para se organizar, mas precisa de nós para não ser destruída*”. Lembrou ainda que “*uma criança, ao nascer, se for deixada um dia inteiro sozinha, ela morre.*” 3) o terceiro valor que citou é “a compaixão” interpretando-a como aquilo que nos impulsiona a nunca deixar alguém sozinho no sofrimento e também que nos faz respeitar o outro como ele é. Lembrou que isso está na essência do Budismo. Lembrou (um) Buda, que no seu último desejo, antes de partir, disse: “*enquanto houver um sofredor no mundo eu não quero entrar no nirvana, eu quero voltar a me reencarnar para ajudá-lo a superar o seu sofrimento.*”

É sabido que a Igreja Católica no Brasil (especialmente no que tange às Pastorais Sociais e, mais amplamente, à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB) tem tido, desde a sua fundação em 1962, uma posição politicamente e eticamente comprometida com a defesa dos direitos e da dignidade humana, enfim, uma opção preferencial pelos pobres. Isso pode não ser comprovado quando observamos a prática de certo número de bispos do Brasil, mas é uma verdade presente e defendida em praticamente todos os documentos aprovados em suas assembleias gerais e também nos diversos materiais produzidos pelos assessores da CNBB, nestes últimos 50 anos. Assim sendo, cito aqui algumas reflexões recentes de alguns bispos e da cnbb, que representam o propósito da Igreja Católica no Brasil, sobre a problemática da fome. Segundo Dom Mauro Morelli, “*não existe imagem mais bela para retratar a paz do*

³⁰ Em uma palestra que fez no Curso de Verão, na PUCSP, no dia 16/01/03.



que o sorriso da mãe que acalenta e nutre sua criança. Nada mais comovente e perturbador do que a visão de mãe esquelética – sugada pela miséria – dando as últimas gotas de vida a seu filhinho condenado a morrer pelas regras do Mercado comprometido com o culto do Bezerro de Ouro.”³¹

Na sua 40ª. Assembléia Geral, a CNBB renovou seu compromisso solidário com os pobres e excluídos,³² quando, através de um projeto (doc. n° 69) chamado “Exigências éticas e evangélicas pela erradicação da miséria e da fome”, convocou toda a Igreja e também a sociedade para se engajar nesta luta, ou, como diz o próprio projeto, “neste grande mutirão”. O documento afirma: “*Por serem a fome e a desnutrição a dimensão mais pungente e visível da miséria, devem ser o primeiro alvo da cooperação internacional e do mutirão que propomos. Além da fome, outras manifestações da miséria precisam ser denunciadas e enfrentadas, como a precariedade na distribuição e tratamento da água, no saneamento básico, na educação, na habitação, no vestuário, no atendimento médico, até atingirmos um patamar aceitável de vida digna para todas as pessoas, visando o atendimento de todos os seus direitos humanos indivisíveis*”.

Dom Luciano Mendes de Almeida³³, após valorizar as iniciativas do atual Governo pela erradicação da fome e da miséria, considerou que, além das tão desejadas medidas promissoras, há algo de mais profundo que precisa acontecer. É uma mudança de mentalidade. “*Como uma espécie de vírus, que aos poucos vai destruindo o organismo, alguns modos de pensar e de agir que penetraram no inconsciente coletivo (...) induzem a comportamentos que impedem a realização de uma sociedade solidária*”. Segundo ele, “*existe uma atração para acumular bens e conservá-los para si com exclusão dos outros. Identifica-se felicidade*

³¹ In. Rev. Tempo e Presença, *A violência da fome*, p.21.

³² Nesta assembleia, que aconteceu de 10 a 19 de abril de 2002, em Itaici/SP, a CNBB, comemorava o seu jubileu de ouro. Assim começa o documento: “*Fiéis ao Evangelho de Jesus Cristo e à Doutrina Social da Igreja, como pastores renovamos nosso compromisso com a causa da justiça do Reino e nossa solidariedade com o povo em seu sofrimento. Desejamos assumir, a cada dia, as alegrias e esperanças, as angústias e tristezas do povo brasileiro, especialmente das populações das periferias urbanas e das zonas rurais - sem terra, sem teto, sem pão, sem saúde - lesadas em seus direitos. Vendo a sua miséria, ouvindo os seus clamores e conhecendo o seu sofrimento, escandaliza-nos o fato de saber que existe alimento suficiente para todos e que a fome se deve à má repartição dos bens e da renda. O problema se agrava com a prática generalizada do desperdício.*”

³³ Bispo da Diocese de Mariana-MG, foi Presidente da CNBB por dois mandatos (1988-1996). Artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo, p. A-2, de 11/01/02.

com riqueza pessoal e de pequenos grupos, isolando-se dos demais e até ignorando-os. Surgiu, assim, a sociedade da acumulação exagerada de bens materiais gerando enormes desigualdades sociais, com estilo de vida consumista e de desperdício dos recursos da natureza. É essa situação que precisa mudar.”³⁴ Disse ainda que, para acabar com estes vírus, isto é, para restituir a saúde do corpo, “não bastam remédios paliativos”.³⁵

A encíclica *Laborem Exercens*, de João Paulo II, fala que “o direito de propriedade privada está subordinado ao direito de uso comum, à destinação universal dos bens”. Nesse sentido, Dom Luciano afirma que “precisamos descobrir que os bens espirituais e materiais de cada pessoa têm uma dimensão social. Destinam-se também aos outros”. E, lembrando o livro dos Atos dos Apóstolos (20,35) pergunta: “quando vamos aprender que só é feliz quem faz os outros felizes? Numa visão cristã e fraterna da sociedade, recebemos os dons de Deus para reparti-los com os irmãos. Compreendemos, então, que promover a melhor distribuição de benefícios e renda não é apenas gesto de boa vontade, mas verdadeira restituição dos bens que se destinam não só a nós, mas aos irmãos, começando pelos mais necessitados”.

Para entender melhor como age este vírus de que Dom Luciano fala, vale lembrar um exemplo, citado por Hugo Assmann, em 1994: “Em certos dias, aproximadamente 1,8 bilhões de dólares mudam de titularidade nas 4 maiores bolsas do mundo, onde apenas 5% tem a ver diretamente com a circulação de bens e serviços.” Fazendo uma crítica das leis do mercado, ele afirma: “um mercado irrestrito poderia levar a um tipo de erosão fatal das potencialidades solidárias dos seres humanos. É assustadora a perspectiva de sacrifícios sem limites exigidos pelo ídolo capital”.³⁶ Trilhões de dólares circulam rapidamente, pelo mundo

³⁴ Hugo Assmann, em sua obra: “Desafios e falácias, ensaios sobre a conjuntura atual”(1991) Paulinas, SP. p.17. lembra que “nossa sociedade injusta não produz apenas famintos aos milhões. Ao produzi-los, produz também violência entre os famintos. O desgaste da solidariedade se agudiza pela ausência de esperanças. ‘A esperança que tarda deixa doente o coração (Pr 13,12)’”.

³⁵ Também no doc. 69, da cnbb (citado acima) temos a afirmação: “O preceito evangélico de ‘dar de comer a quem tem fome, vestir o nu, visitar o doente e o prisioneiro, acolher o migrante’ (Mt 25,31-46) não se reduz à prática assistencial. Quando se atende somente às expectativas imediatas dos pobres, corre-se o risco de perpetuar a desigualdade social. A caridade evangélica é fundamento do agir cristão e requer a promoção humana e a libertação integral.” Diz ainda: “É neste espírito de conversão pessoal e comunitária que a CNBB conclama a todos para que, o quanto antes, se possa vencer a mentalidade de apego aos bens materiais e ao consumismo e alcançar a superação da miséria. Somente vencendo o egoísmo e a indiferença, assegura-se o pão de cada dia para todos.”

³⁶ ASSMANN, H. Crítica à Lógica da Exclusão (1994), Paulus, SP, pp.105 e 42.

afora, em busca acelerada de lucros cada vez mais fáceis, sem gerar emprego ou produção. E ainda, mesmo sem citar a palavra ‘vírus’, Jung Mo Sung fala que “dois dos grandes problemas do mundo hoje, a ameaça ao meio ambiente e a exclusão social, têm por detrás o problema da eterna insatisfação humana que leva uma parte da população mundial a acumular demasiadamente e explorar a natureza sem senso de limite.”

Hugo Assmann, recentemente um pouco mais otimista (ou realista-prospectivo) afirmou: “No bojo das novas tecnologias nos estariam chegando inéditas chances de ampliação efetiva da solidariedade universal entre os seres humanos.”³⁷ O ponto de partida para uma sociedade justa será uma real e equitativa distribuição de renda entre todos; uma igualização das possibilidades reais de cada cidadão viver uma vida plena, segundo o padrão que escolhe, sem carências ou desigualdades devido ao privilégio de outros, começando, é claro, com chances iguais de satisfação das necessidades básicas, humanas ou sociais para cada cidadão (como saúde, educação, moradia e trabalho). Uma autêntica autoridade, realmente pública, teria condições de viabilizar tal processo? O princípio do Estado de bem-estar deve ser defendido, um Estado disciplinado, democrático e popular, que seja capaz de romper com o clientelismo e favoritismo direcionados às classes privilegiadas; um Estado que rompa com as teias do grande capital que o privatizou. Um Estado que incentive novas formas de propriedade fundamentadas nos princípios da economia solidária e, contemple nos seus planos e projetos as diversas experiências e mobilizações em vista da formação de uma cultura solidária.³⁸

³⁷ ASSMANN, H. *Reencantar a educação*. (2001) 5ed. Petrópolis: Vozes, p.20. Neste sentido vale citar também uma frase de Frei Betto, do texto “Globalização e direitos humanos”, preparado para o 2º FSM, que diz: “O Planeta tornou-se, de fato, uma grande aldeia. Somos todos vizinhos uns dos outros e podemos assistir, em tempo real, ao que se passa no hemisfério oposto ao que habitamos. No entanto, essa proximidade não nos tem tornado mais solidários e amigos. À luz da crescente mercantilização das relações humanas, quase tudo é encarado em termos de lucro e benefício.” E afirma ainda: “A solidariedade sempre renasce no espírito humano que não se deixou abafar pela desesperança, nem cegar os olhos pela indiferença à dor alheia. (...) Desnudado o engodo globocolonizador(...), multiplicam-se mobilizações solidárias por todo o mundo. (...) Hoje, é a ética da solidariedade que promove, nas ruas da aldeia global, o encontro daqueles que acreditam que ‘um outro mundo é possível’”.

³⁸ Nesse sentido a CNBB (no doc. 69) lembrou alguns processos de mobilização social e de organização popular, importantes neste grande mutirão nacional pela “mudança de mentalidade” para a erradicação da miséria e da fome: a campanha pela construção de um milhão de cisternas no semiárido brasileiro; a Ação da Cidadania Contra a Fome e a Miséria e pela Vida; o Fórum Brasileiro de Segurança Alimentar e Nutricional; a campanha nacional pelo limite máximo da propriedade da terra; a campanha pela aprovação do Estatuto dos Povos Indígenas; a campanha pela participação consciente no processo eleitoral; a criação de comitês da lei 9840 contra a corrupção eleitoral. Some-se a isso o empenho pela articulação em defesa da soberania nacional e da segurança alimentar, ameaçadas por tratados continentais e internacionais.



No grande mutirão popular, constituído e animado por diversas organizações populares, Igrejas, sindicatos, movimentos sociais, etc., chamado de Semanas Sociais Brasileiras (SSBs)³⁹ insistiu-se na necessidade de os valores éticos presidirem toda a política e a economia. *“Só à luz da ética é possível perceber com clareza, e rejeitar com indignação, a injustiça de um sistema que mantém na exclusão milhões de brasileiros, privando-os das condições mínimas de sobrevivência humana. Só à luz da ética somos capazes de superar as limitações de uma racionalidade econômica que se contenta em garantir o sucesso de planos sem olhar para aqueles que foram excluídos dos seus benefícios”*.⁴⁰

A luta pelo Reino de Deus, é um pensamento teológico cristão que considera que o mundo e a injustiça não possuem a última palavra, mas que há algo que transcende o espaço ou o tempo histórico⁴¹. Claro que nossa práxis se dá na história, e portanto é aqui que esse Reino deve ir sendo buscado, num processo permanente de libertação, onde a mentira, a falsidade e a fria mecanicidade do viver cotidiano são vencidas e em seu lugar é afirmada a verdade, a transparência, a autenticidade, a alegria, o entusiasmo, o prazer no fazer transformador do cotidiano. O criativiver e a fraternura são aquisições imprescindíveis, tesouros onde deverá estar o nosso coração. Pois só assim poderemos somar em favor do Deus da Vida, da vida com dignidade para todos.

No 2º Fórum Social Mundial, entre os 5 temas tratados no eixo IV-Poder Político e Ética na Nova Sociedade, um era sobre “princípios e valores”⁴². Em uma síntese desta conferência e debates, vemos considerações como: *“a necessidade de mudança interior dos que lutam pelas mudanças no mundo.”* Quanto a isso, Frei Betto afirmou que *“efetivamente é preciso mudar dentro de si mesmo para realmente mudar*

³⁹ Já aconteceram durante a década de 90 três Semanas Sociais Brasileiras, onde milhões de pessoas foram envolvidas em processos de formação de uma cultura solidária, conforme nota 36.

⁴⁰ CNBB - Setor Pastoral Social. Urgência de Prioridades sociais para superar a exclusão social. 1995. p 4.

⁴¹ Para Assmann, J. & Mo Sung, J. (2000) Op. cit. *“Sociedades ‘harmônicas, justas e solidárias’, ou sociedades sem exploração do ser humano, são horizontes utópicos que nos motivam a lutar e a caminhar, mas devemos reconhecer que, como todos os horizontes, são impossíveis de serem atingidos... Esperanças e utopias têm a importante função de não nos deixar acomodar e conformar com a situação em que vivemos, mas são irrealizáveis em plenitude.”* (pp. 102 e 157).

⁴² Esse tema (conferência) foi apresentado no dia 4 de fevereiro de 2002, por frei Betto, e Michael Löwy. (ver site do FSM: file://F:\es\documentos\declaracionMilenio.htm).



o mundo objetivo; mas só conseguimos mudar dentro de nós mesmos lutando pela mudança do mundo objetivo.” Também, frisou-se, especialmente por dois debatedores, representantes da Índia, que *“são os princípios e valores espirituais que estão além de qualquer religião ou crença, que farão a “diferença” nesse processo de construção de um novo mundo. Todos nós pertencemos a uma mesma raça - ser humano - e que riqueza temos nós de sermos diferentes um do outro, de cada pessoa ser especial, ser um ‘modelo exclusivo!’”*

Finalizo este tema com algumas palavras de dois bispos do Brasil, amigos da Teologia da Libertação e firmes na opção da Igreja pelos pobres: Dom Pedro Casaldáliga, ao ouvir a frase: *“já estamos cansados desta opção pelos pobres, de que a Igreja católica tanto fala,”* respondeu *“muito mais cansados estão os pobres por serem pobres;”* e, Dom Mauro Morelli, acreditando que *“um outro mundo é possível e necessário”* afirma: *“anunciemos com esperança as exigências éticas e evangélicas para a superação da miséria e da fome. Firmemos a vontade e o compromisso de sonhar e de buscar uma terra sem males, sem ódio, sem violência e sem fome. Uma terra em que crianças e idosos não chorem lágrimas de privação e de abandono. Uma terra em que a natureza não se contorça agredida pela ganância e pelo desperdício.”*⁴³

4. Diante da fome, educar para a competência e a solidariedade

“A sabedoria do homem ilumina o seu rosto e abranda a dureza da sua face”(Eclesiastes, 8,1)

*“Educar é a mais avançada tarefa social emancipatória.”*⁴⁴

Segundo Ziegler, não existe nenhum tipo de ensino onde se analise, se discuta o problema da fome, se examinem suas raízes e os meios de colocar-lhe um fim: *“não sei de nenhum colégio onde o tema da fome, que mata cada dia mais gente do que todas as guerras do planeta juntas, figure em seu programa.”*⁴⁵

⁴³ In. Tempo e Presença, Op. Cit. p.22.

⁴⁴ ASSMANN, H. (2001) Op. cit. p. 26. Na página 21 a frase parece mais completa quando afirma que: *“a educação para a solidariedade persistente se perspectiva como a mais avançada tarefa emancipatória”*.

⁴⁵ ZIEGLER, Op. Cit. p. 53.

Dois princípios orientam as reflexões e propostas apresentadas a seguir: em primeiro lugar, que a educação não é mercadoria. É um direito universal, ligado à própria condição humana, e é enquanto direito que ela deve ser defendida. Bernard Charlot⁴⁶ coloca, então, três processos fundamentais da educação: humanização, socialização e subjetivação, ou seja, o direito ao universal, à diferença cultural, à originalidade pessoal. A integração entre estes processos se viabiliza quando a educação está ligada a movimentos de luta por mais solidariedade, igualdade e justiça. Em segundo lugar, que, diante do atual processo de globalização do mundo, a educação é um instrumento de luta importante para a paz, contra todas as formas de violência, discriminação, exploração, degradação do ser humano, enfim, de promoção da sensibilidade solidária.

Hugo Assmann, ao considerar a educação para a solidariedade como a mais avançada tarefa social emancipatória, se pergunta: *“Como fazer frente ao fato maior do mundo atual que são as lógicas da exclusão e o alastramento da insensibilidade que as acompanha?”* E continua: *“imaginemos cruamente algo bastante previsível: no plano nacional e mundial, não há no horizonte do próximo futuro políticas econômicas e sociais orientadas a salvar todas as vidas humanas existentes. E isso, quando as condições científicas e técnicas para fazê-lo já estão dadas. Nas condições atuais de produtividade, a fome se tornou um absurdo inaceitável. Mas não existem os consensos políticos para eliminá-la de vez. A educação terá um papel determinante na criação da sensibilidade social necessária para reorientar a humanidade”*.⁴⁷

Assim como existem múltiplas formas de ser religioso ou de ser artista, também devem existir muitas formas de ser educador. As antigas polarizações bicausais alienante-libertadora ou elitista-popular não respondem mais a contento ao que se busca em torno da palavra educar. Também a palavra solidariedade pode ser entendida de várias maneiras. Pode ir desde a palavra desgastada de “caridade”, falseada como “dar esmolas”, até o sentido considerado mais radical que é “devolver ao outro

⁴⁶ Ele apresentou as análises, conclusões e principais propostas do Fórum Mundial de Educação (FME), realizado em Porto Alegre, de 24 a 27 de outubro de 2001, no 2º FSM, no Eixo Temático III: Afirmação da sociedade civil e dos espaços públicos – Conferência Especial sobre Educação, na UFRGS, em 03/02/02. Em sua conclusão, o professor Jocelyn Berthelot lembra que *“a educação pública não é um problema, é a solução para o desenvolvimento e instrumento para a libertação das pessoas e dos povos. O conhecimento é um bem comum da humanidade e deve ser acessível e compartilhado por todos...”*

⁴⁷ ASSMANN, H. (2001) Op. cit. p.26.

o que lhe é de direito” e, o que lhe é de direito “é tudo aquilo que falta para que viva dignamente” e ainda, que “se algo lhe falta é porque alguém lho extorquiu. Quem? “Aquele que possui mais do que necessita”. Não é o caso aqui de aprofundarmos o tema das necessidades ou da hipoteca social que pesa sobre toda propriedade. Apenas quero lembrar que uma interpretação da palavra solidariedade, teria sua origem do latim “soldar”, “juntar as partes que foram quebradas”, “reunificar o que fôra dividido”, “reconstituir a unidade perdida”. Em outras palavras, procurar a superação de todas as divisões. Nesse sentido a CNBB (no doc. 69) lembra que *“o outro, que sofre na miséria ou passa fome, interpela e atinge nossa própria identidade de ser humano. Não se deixar interpelar e não agir diante da pessoa vilipendiada pela miséria é desumanizar-se. Participar do resgate da dignidade do outro, ao contrário, é humanizar-se com ele. Enquanto houver um ser humano vitimado pela miséria ou pela fome, é a humanidade toda que sofre em sua dignidade ofendida.”*

Educar significa buscar a sabedoria. E a sabedoria nasce ou se constrói num processo de solidariedade. Penso que estamos sendo educados por duas forças conflitantes e antagônicas. Uma é a ciência, aquela que nos faz buscadores de conhecimentos, é aquela que nos vai tornando indivíduos inteligentes, capazes de manejar máquinas sofisticadas, de compreender sistemas complexos, de saber construir edifícios, conhecer algumas características da lua, do sol e dos milhões de seres que habitam a terra e as águas. Procuramos identificar e descrever o tempo e o espaço, coisificamos tudo o que podemos manipular, objetificamos tudo o que queremos saber, definir, enumerar e classificar. Aprendemos a inventar e escrever textos, e também prever resultados de certas ações. Outra é a sabedoria que vai além da ciência, pois contempla o mistério, o acaso e a imprevisibilidade e, principalmente, nos leva à prática da justiça⁴⁸. Não é algo que pode ser transmitido e aprendido de forma vertical, isto é, de alguns “para” os demais. Ela brota da ação solidária e da compreensão e participação do sofrimento do outro. Ela não pode ser claramente definida através de conceitos e teorias racionais, pois passa essencialmente pela gratuidade, pelo sofrimento, pelo prazer, pelo *sensus fidei*⁴⁹, pela sensibilidade solidária e pelo relacionamento amoroso. Ela é mais um sentir, uma intuição cheia de fé que penetra no mais profundo de cada ser

⁴⁸ Este é o grande ensinamento do *Livro da Sabedoria*, que começa exortando os governantes a “amarem a Justiça”. Cf PEREIRA, N.B., *Livro da Sabedoria. Aos governantes, sobre a Justiça*, col. Coment. Bíblico Vozes/Sinodal, Petrópolis, 1999

⁴⁹ Cf. ESPIN, Orlando. A fé do povo (2001) Paulinas, SP.



humano e se faz nele a sua mestra e educadora, ao ponto de torná-lo capaz de salvar vidas. Edgar Morin diz que é a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão. Mais ainda se consideramos que ensinar a viver é transformar conhecimento em sabedoria. *“Ensinar a viver necessita não só dos conhecimentos, mas também da transformação, em seu próprio ser mental, do conhecimento adquirido em sapiência, e da incorporação dessa sapiência para toda a vida. (...) A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e suas alegrias.”*⁵⁰

A solidariedade também pode ser entendida como uma moeda de duas faces. Por um lado a humanidade não tem como fugir da solidariedade, pois tudo o que acontece ou deixa de acontecer está, de alguma forma, relacionado com tudo o que acontece ou deixa de acontecer. Por exemplo, para Paulo, quando o pecado entrou no mundo por um homem, o pecado entrou no mundo inteiro, isto é, todos os seres humanos (para não dizer todo o cosmos) participam deste pecado. Assim também, quando a salvação (ou a justificação) entrou no mundo, por um homem (Jesus Cristo), todos fomos agraciados com a salvação⁵¹. Participamos solidariamente do mundo, queiramos ou não. Todos de alguma forma pagamos pelos erros que cometemos e mesmo pelos erros que somente ‘os outros’ cometeram, mas também toda a humanidade é beneficiada pelas boas ações por nós praticadas ou pelas dos outros.⁵² Por outro lado a solidariedade faz parte de uma opção humana, de um compromisso ou de uma convicção que se manifesta como gratuidade, doação, serviço, como *ágape*. Esta solidariedade não é algo que se ensina nas escolas pela transmissão de conhecimentos, nem é algo que pode ser imposto através de uma lei ou de um projeto externo à pessoa. Sendo que os seres humanos nascem no pecado original, não se pode afirmar que são naturalmente solidários, mas que esta solidariedade só é possível a partir de um processo profundo e permanente de conversão pessoal e social.⁵³

⁵⁰ MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. pp. 47 e 51.

⁵¹ Cf. Carta de Paulo aos Romanos (Rom 5, 12ss)

⁵² Vale lembrar aqui a obra de Jung Mo Sung: “Conhecimento e solidariedade” (2002) col. Viva voz, Salesiana, SP. no cap. 14, “conversão para a solidariedade”, fazendo referências a J.P. Sartre e E. Morin, ele afirma que a “*solidariedade é um fato, pois vivemos em uma relação de interdependência, estamos em um mesmo barco. A ilusão do mundo moderno de que eu vivo sozinho se mostra cada vez mais insustentável.*” p.47. Ele afirma que até as empresas estão discutindo sobre a importância de educar para a solidariedade: “*Elas estão percebendo que, se cada um luta por si, a empresa vai mal e todos perdem; o empresário perde o seu dinheiro ou a empresa, e os empregados o seu emprego.*”

⁵³ Cf. ASSMANN, Hugo. (1998). Op. cit. pp. 17-48.



Parece-me que falta ainda, nesta reflexão, uma última consideração sobre os meios necessários para a erradicação da miséria e da fome. Até agora destaquei a necessidade de uma educação voltada para a promoção de uma sensibilidade solidária, como mediação fundamental neste processo. Mas uma educação para a solidariedade dá conta e é suficiente quando se trata de buscar caminhos ou abrir perspectivas de erradicação da miséria e da fome? Segundo Assmann & Mo Sung, além de educar para a sensibilidade solidária, precisamos também de uma educação para a competência. Afirmam: *“Pensamos que uma abordagem sincera de temas como competência humana, competências sociais, sensibilidade social e solidariedade, pode levar-nos a um marco de referências bastante inovador.”* Para eles não será possível a superação da pobreza hoje se não houver, também, ao lado da educação para a solidariedade, quatro tipos de alfabetização (ou quatro pilares da educação): a) uma educação para *aprender a aprender* por toda a vida, isto é, uma educação que *priorize as experiências de aprendizagem*; b) uma educação para *aprender a fazer*, isto é, uma educação com *ênfase nas competências e habilidades*; c) uma educação para *aprender a viver juntos*, isto é, uma educação que procure *juntar competência e solidariedade*; d) uma educação para *aprender a ser*, isto é, uma educação que vise a realização do indivíduo *como indivíduo e como ser social*. Para eles, na construção de uma sociedade solidária são necessárias competências e habilidades: *competência humana, competências sociais, aprendizagem social e inteligência social.*⁵⁴

Conclusão

“Ninguém tem o direito de depredar os recursos naturais do Planeta, mas está obrigado a levar em conta a vida das gerações futuras.” (doc. 69, da cnbb)

Início esta conclusão com uma reflexão e um propósito presentes no Grito das Américas:⁵⁵ *“Globaliza-se a miséria, mas não o verdadeiro progresso. A globalização gera dependência, e cerceia a soberania dos povos. Os capitais circulam livremente, mas as pessoas não. Prioriza-*

⁵⁴ ASSMANN, Hugo & SUNG, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária. Educar para esperança*, (2000). pp. 210-212.

⁵⁵ O Grito das Américas foi lançado em Porto Alegre, no 2º Fórum Social Mundial, no dia 04/02/02.



se a competitividade, em vez da solidariedade. Absolutiza-se a mercadoria ao mesmo tempo em que são ignorados os valores éticos. Tudo tem preço, inclusive a dignidade humana. Depredam-se os recursos naturais e se põe em risco a sobrevivência da humanidade. Privatiza-se a terra e agora se tenta privatizar a água, a biodiversidade, as plantas, os animais, quem sabe um dia os ventos, o sol... A cobiça está acima da fraternidade. A propriedade tem mais valor do que a vida.”

Creio que as duas idéias seguintes de Assmann não podem ser esquecidas por quem quer que leve a sério o problema da fome e, mais ainda, a importância da solidariedade. *“Doravante só será possível sonhar com uma sociedade onde caibam todos, se também nossos modos de conhecer conduzirem a uma visão do mundo na qual caibam muitos mundos do conhecimento e do comportamento. A educação se confronte com essa apaixonante tarefa de formar seres humanos para os quais a criatividade, a ternura e a solidariedade sejam, ao mesmo tempo, desejo e necessidade.”* E, para que o sonho de uma sociedade onde caibam todos, não seja mero devaneio teórico, faz-se necessário começar pela compreensão do ser humano. *“O ser humano ‘funciona’ melhor, a sós e em convivialidade social, com altas doses de euforia e discretas doses de cobrança à consciência. Por isso mesmo, é obra de suma delicadeza sensibilizar os seres humanos para metas solidárias, por que não se trata de criar ‘consciência’ num sentido racionalista, mas de desencadear processos auto-organizativos – cognitivos e vitais – em direção a um mundo mais solidário, respeitando e tomando como condições iniciais os processos auto-organizativos atualmente existentes.”*⁵⁶

Antes de partir para as palavras finais desta pesquisa, penso que se faz necessária uma resposta à questão: qual é o papel da religião ou das religiões diante da realidade vigente? Retomando a relação entre educação, sabedoria e solidariedade, do ponto 4, penso que Jung Mo Sung oferece uma interessante reflexão sobre a função das religiões. Ele afirma que *“uma das principais contribuições que as religiões podem oferecer à humanidade hoje é a sua longa experiência de educar para a sabedoria, (...) para as sabedorias de vida que foram se acumulando em tantos anos de tradições. (...) E, uma sabedoria que está precisando ser ensinada e aprendida em todo o mundo é a que nos ensina que não se pode ser feliz e amar a si próprio de verdade, se não se é capaz de se abrir ao sofrimento de outras pessoas, se não se é capaz de ter uma sensibilidade solidária.”*⁵⁷

⁵⁶ ASSMANN, H. (2001) Op. cit. capa e p.67.

⁵⁷ MO SUNG, J. (2002) Op. cit. p. 172.



As tradições religiosas, quando falam do “seu” Deus ou quando falam de um Deus “sem barreiras”, normalmente afirmam que *“o que Deus procura concretizar é a unidade de todo o seu povo: superar as divisões, derrubar as barreiras, abrir canais de compreensão e diálogo entre todas as nações e entre todos os grupos sociais”*.⁵⁸ Por isso é necessário compreender o que separa os seres humanos. Só a partir da tomada de consciência de nossas separações e das causas que estão em sua raiz é que será possível visualizar quais são os caminhos apropriados para a unidade, para a superação das divisões, sejam elas, políticas, econômicas, geográficas, sociais, raciais, de gênero, religiosas... Para isso é preciso começar pelo reconhecimento e pela compreensão do outro. Todos possuímos algo a oferecer aos demais. Segundo Ana Lúcia Modesto, a religião exerce uma função integradora por excelência: *“ela reúne todas as atividades do homem sob a sombra de uma finalidade comum. (...) Além disso, através de seus ritos e festas, a religião possibilita a existência de sentimentos coletivos e, simultaneamente, ao indivíduo, o sentimento de si.(...) A religião atua com eficácia, possibilitando a reconstrução de uma unidade perdida, tanto ao nível do indivíduo, como também de grupos sociais. (...) A religião também é uma esfera produtora de conhecimento, e se este saber pode ser falso para a ciência, em muitos casos é eficaz para grupos sociais.”*⁵⁹

E, para não fechar esta conclusão e esta pesquisa, mas deixá-las em aberto para futuras reflexões, cito uma frase de Assmann & Mo Sung: *“é claro que, sem a satisfação das necessidades materiais básicas, o ser humano não pode sobreviver, mas as pessoas precisam mais do que ‘comida e bebida’. Precisam se sentir vivas, sentir que a vida vale a pena de ser vivida. E isto tem a ver com os desejos e com as dimensões simbólicas da vida. Neste sentido, alguns desejos e símbolos fazem parte das necessidades que compõem a ‘cesta básica’.”*⁶⁰

Enfim, já que aprofundamos sobre a ética, não poderia deixar de citar algo da sabedoria de Hans Küng que, ao falar sobre as “funções elementares da religião”, na perspectiva da construção de uma ética mundial, afirma: *“a religião não pode possibilitar tudo, mas ela pode abrir e proporcionar um “mais” em termos de vida humana. A religião*

⁵⁸ SANTA ANA, Júlio de. *Ecumenismo e Libertação*. (1987) Petrópolis, Vozes. p.8.

⁵⁹ MODESTO, Ana Lúcia. “Religião, escola e os problemas da sociedade contemporânea”, em: DAYRELL, Juarez. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996, pp.80-81.

⁶⁰ ASSMANN, Hugo & SUNG, Jung Mo. (2000) Op. cit. p.94.



consegue transmitir uma dimensão mais profunda, um horizonte interpretativo mais abrangente face à falta de sentido. (...) A religião consegue garantir os valores mais elevados, as normas mais incondicionais, as motivações mais profundas e os ideais mais elevados: o sentido (porque) e o objetivo (para quê) de nossa responsabilidade. Através de símbolos, rituais, experiências, objetivos comuns, a religião consegue criar uma pátria de confiança, de fé, de esperança: uma comunidade e uma pátria espiritual. A religião pode fundamentar protesto e resistência contra situações de injustiça: isto já é o desejo insaciável e atuante pelo 'Totalmente Outro'.⁶¹

Referências Bibliográficas

- ASSMANN, Hugo. *Crítica à Lógica da Exclusão*. (1994), Paulus, SP.
- _____. *Reencantar a educação*. (2001) 5ed. Petrópolis: Vozes.
- _____. *Desafios e falácias, ensaios sobre a conjuntura atual*. (1991) Paulinas, SP.
- _____. & MO SUNG, Jung. *Competência e sensibilidade solidária. Educar para esperança*. (2000) Vozes, Petrópolis.
- Bíblia Sagrada Católica. (1990) Edição Pastoral, Paulus, SP.
- BOFF, L. *Saber cuidar – Ética do humano – compaixão pela terra*. (1999) Petrópolis, Vozes.
- BUARQUE, Cristovam. *O Colapso da Modernidade Brasileira* (1992) Paz e Terra, SP.
- CASTRO, Josué de. *Homens e caranguejos*. Porto, Brasília, 1967.
- CNBB - Setor Pastoral Social. *Urgência de Prioridades sociais para superar a exclusão social*. (1995).
- _____. Exigências éticas e evangélicas para a erradicação da miséria e da fome, doc. 69 (2002).
- DAYRELL, Juarez. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. (1996) Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- DREIFUSS, René A. *A Época das Perplexidades*. (1997) 2.ed. Vozes, Petrópolis.

⁶¹ KÜNG, HANS. Projeto de Ética Mundial (1992). Paulinas, SP. p.175.



- ESPIN, Orlando. *A fé do povo* (2001) Paulinas, SP.
- FÓRUM SOCIAL MUNDIAL, 2º e 3º FSMs, 2002 e 2003, artigos. Jornal Folha de São Paulo.
- Jornal O Estado de São Paulo.
- Jornal Le Monde Diplomatique.
- KÜNG, Hans. *Projeto de Ética Mundial* (1992). Paulinas, SP.
- MO SUNG, Jung. *Sujeito e sociedades complexas, para repensar os horizontes utópicos*. (2002) Vozes, Petrópolis.
- _____. *Conhecimento e solidariedade* (2002) col. Viva voz, Salesiana, SP.
- _____. *Ética e teologia nas universidades católicas (Texto disponível na Internet)*.
- _____. *Desejo, mercado e religião* (1998) Vozes, Petrópolis.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* (2000) Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.
- Tempo e Presença, Revista nº 323, maio/junho de 2002.
- SANTA ANA, Júlio de. *Ecumenismo e Libertação*. (1987) Petrópolis, Vozes.
- ZIEGLER, Jean. *A fome no mundo explicada a meu filho*. (2002) Petrópolis, Vozes.

Endereço do autor:

Seminário Teológico de Caçador
Rua João C. dos Santos, 280
Bairro Pantanal
88040-300 - Florianópolis - SC
e-mail: pegilberto@ig.com.br